

Não alimente os animais



Elefante no Parque Nacional de Udawalawe, no Sri Lanka: 18 anos de observações constataram mudanças no comportamento em relação a humanos

Embora pareça inofensiva, a prática de oferecer alimentos a espécies selvagens tem consequências negativas tanto para os bichos quanto para os humanos, mostra estudo que acompanhou elefantes asiáticos por quase 20 anos

» PALOMA OLIVETO

A cena parece inofensiva: um turista oferece frutas ou doces para um elefante que se aproxima da cerca de um parque nacional. No entanto, essa interação aparentemente amistosa esconde um problema sério, que afeta tanto a segurança das pessoas quanto a sobrevivência dos próprios animais. Com dados inéditos, um estudo publicado na revista *Ecological Solutions and Evidence* revela que alimentar elefantes selvagens pode torná-los dependentes da comida humana, além de agressivos e vulneráveis a mortes prematuras.

Durante 18 anos consecutivos de observações no Parque Nacional de Udawalawe, no Sri Lanka, e na região de Sigur, na Índia, pesquisadores da Universidade da Califórnia, em San Diego, e da organização indiana Elephant Project, monitoraram entre 800 e 1,2 mil elefantes. Liderada por Shermin de Silva, a equipe identificou mudanças preocupantes no comportamento dos animais, atribuídas diretamente ao hábito de receber alimentos de turistas e moradores locais.

“Embora seja difícil resistir à tentação de alimentar um animal tão carismático, precisamos entender que essa prática tem consequências que vão muito além do momento da interação”, disse De Silva,

diretora do Elephant Project e pesquisadora do Departamento de Ecologia, Comportamento e Evolução da Universidade da Califórnia, em San Diego.

Mendicância

O estudo documentou que pelo menos 66 machos — representando entre 9% e 15% da população masculina observada — desenvolveram comportamentos persistentes de mendicância. Esses elefantes são frequentemente vistos em áreas de trânsito humano, seja ao longo de estradas, seja nos limites dos parques.

Alguns, como o famoso Rambo, tornaram-se figuras quase folclóricas. Mas, longe de serem apenas personagens curiosos, esses animais enfrentam riscos reais. De acordo com o levantamento, pelo menos três elefantes foram mortos no Sri Lanka em incidentes diretamente relacionados a essa mudança de comportamento, como atropelamentos e ataques retaliatórios de pessoas. Na Índia, quatro dos 11 machos estudados morreram da mesma forma.

Além das mortes, houve registros de elefantes consumindo materiais plásticos e outros resíduos, devido ao contato frequente com lixeiras ou sacolas de alimentos descartadas. A ingestão de itens não comestíveis contribui para

Elefantes monitorados

- Os pesquisadores observaram elefantes asiáticos selvagens (*Elephas maximus*) no Parque Nacional de Udawalawe (PNU), no Sri Lanka, entre 2007 e 2024, e na Reserva da Biosfera de Nilgiri (RBN), no sul da Índia, entre 2007 e 2022, documentando os resultados negativos do fornecimento de alimentos por turistas.
- * Na PNU, 66 machos (9% a 15% da população masculina

estimada) foram observados buscando alimento de pessoas em uma cerca elétrica. Quatorze foram vistos na cerca em 11 anos ou mais, e 52 foram vistos em oito anos ou menos. Mortes de pelo menos três elefantes e uma pessoa ocorreram perto da cerca.

- * Na RBN, 11 machos foram habituados a alimentos por turistas, dos quais quatro morreram por causas antropogênicas.

doenças gastrointestinais e outros problemas de saúde nos animais.

Não são apenas os elefantes que sofrem. A pesquisa registrou diversos casos de ferimentos em humanos e até mortes causadas por animais condicionados à comida. “Os elefantes são extremamente fortes e, mesmo sem intenção, podem causar acidentes graves. Quando associam humanos à comida, perdem parte do comportamento de precaução natural e se aproximam sem medo”, afirma De Silva. O fenômeno é comparável ao que já se observa com ursos em parques

norte-americanos: animais selvagens habituados à alimentação humana tornam-se mais ousados, deixando de caçar ou forragear naturalmente.

Além disso, os autores do artigo alertam para o risco de transmissão de doenças entre espécies. A proximidade constante entre elefantes e pessoas aumenta as chances de zoonoses — enfermidades que passam de animais para humanos e vice-versa —, algo especialmente preocupante em regiões turísticas muito movimentadas.

Políticas

Segundo os pesquisadores, campanhas de conscientização para desencorajar a prática não têm surtido o efeito desejado. Mesmo com placas e avisos espalhados em pontos turísticos, muitos visitantes seguem oferecendo alimentos aos elefantes. A equipe defende, por isso, a adoção de políticas mais rígidas.

“A única forma de realmente proteger os elefantes e as pessoas é por meio de fiscalização ativa. Voluntariado não é suficiente. As autoridades precisam agir, aplicando multas e implementando barreiras físicas mais eficientes nos limites dos parques”, diz o artigo. O posicionamento é reforçado pelo fato de que o Sri Lanka registra uma das taxas mais altas de conflitos entre humanos e elefantes no mundo, com dezenas de mortes todos os anos.

A pesquisa conclui com um apelo aos turistas e às comunidades locais: resistir à tentação de interagir diretamente com a fauna selvagem é um ato de responsabilidade. “Ver um elefante de perto é um privilégio. Mas precisamos lembrar que eles são animais selvagens, não mascotes. A melhor forma de protegê-los é respeitando sua natureza”, finaliza De Silva.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Wikimedia Commons/Divulgação



SEGUNDA-FEIRA, 14

FAREJADORES DE PARKINSON

Cães podem ser treinados para detectar precocemente um odor associado à doença de Parkinson (DP), segundo uma pesquisa das universidades de Bristol e Manchester, no Reino Unido. Em um estudo duplo-cego, um labrador e um golden retriever demonstraram sensibilidade de até 80% e especificidade de até 98%. Também identificaram o cheiro em amostras de pacientes que apresentavam outras condições de saúde, além da DP. Atualmente, não há um teste precoce para Parkinson, e os sintomas podem começar até 20 anos antes de se tornarem visíveis e persistentes. O diagnóstico oportuno pode retardar a progressão da doença e reduzir a intensidade dos sintomas.

TERÇA-FEIRA, 15

REFÚGIO DE ONÇAS-PINTADAS

Pesquisadores identificaram uma região do Pantanal que se tornou uma espécie de refúgio climático para onças-pintadas, após a intensa seca e incêndios registrados há cinco anos. Um estudo realizado por cientistas norte-americanos e brasileiros constatou que elas migraram para uma área nas zonas úmidas brasileiras que já tinha a maior densidade populacional desses animais em todo o mundo. “Encontrar ainda mais onças e outros mamíferos na área de estudo após o incêndio florestal de 2020 e a seca extrema sugere que ela pode servir como um refúgio, amortecendo os efeitos de eventos climáticos extremos”, disse Charlotte Eriksson, pesquisadora de pós-doutorado na Universidade Estadual do Oregon. O local de 36.700 acres é uma área protegida sazonalmente inundada na porção norte do Pantanal brasileiro. No estudo, publicado na *Global Change Biology*, os especialistas, que estudam as onças-pintadas desde 2014, usaram imagens captadas por câmeras de campo instaladas antes, durante e depois do incêndio.

Charlotte Eriksson, Universidade Estadual do Oregon



QUARTA-FEIRA, 16

MARSUPIAL DA AMAZÔNIA PERUANA

Uma equipe científica descobriu uma nova espécie de marsupial em um parque natural da Amazônia peruana. A descoberta ocorreu no Parque Nacional do Río Abiseo, na região de San Martín, cerca de 720 km a nordeste de Lima, em uma área de florestas nubladas de alta montanha, a 2.664 metros acima do nível do mar. “Cada nova espécie descoberta é uma prova de que nossas áreas protegidas cumprem seu papel: conservar, gerar conhecimento e contribuir para o bem-estar da sociedade”, informou o Serviço Nacional de Áreas Naturais Protegidas pelo Estado (Sernanp), por meio de um comunicado. O marsupial foi batizado de *Marmosa chachapaya* e se distingue por sua pelagem marrom-avermelhada, ventre com base acinzentada, rosto longo e estreito, e uma cauda preênsil muito mais longa que o corpo. Sua máscara facial escura não alcança a base das orelhas, que são cobertas por pelos amarelados.

QUINTA-FEIRA, 17

CALOR REMODELA VIDA MARINHA

Estudo realizado por cientistas da Universidade de Victoria (UVic), na Austrália, destaca como as ondas de calor marinhas podem impactar drasticamente os ecossistemas. A pesquisa observacional oferece uma prévia de como o aquecimento dos oceanos pode remodelar a vida oceânica. Os pesquisadores do Laboratório Baum da UVic compilaram uma visão geral abrangente dos impactos ecológicos da onda de calor que atingiu a costa do Pacífico da América do Norte entre 2014 e 2016. No total, eles avaliaram os resultados de 331 estudos primários e relatórios governamentais. “A onda de calor marinha resultou em perturbações ecológicas sem precedentes em milhares de quilômetros”, afirma Samuel Starko, autor principal e ex-bolsista de pós-doutorado da UVic. De acordo com a pesquisa, 240 espécies diferentes foram encontradas fora de sua distribuição geográfica típica. Várias espécies, como o golfinho-franco-do-norte e a lesma-do-mar Plácida cremoniana, foram encontradas a mais de mil quilômetros ao norte de seu habitat típico.